



A vida campesina do alto sertão de Sergipe (Brasil)

Lucas Antônio Ribeiro Cardoso¹, Larissa Katarina Mendonça², Paulo Lucas Cândido de Farias³,
Áurea Nascimento de Siqueira Mesquita⁴ Any Graziella de Sena⁵

¹Graduando em Geografia Licenciatura- DCG - UFPE, Brasil

²Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE – UFPE

³Graduado em Geografia Bacharelado – DCG – UFPE, Brasil.

⁴Mestranda em Desenvolvimento e Meio Ambiente – PRODEMA – UFPE, Brasil.

⁵Mestranda em Desenvolvimento e Meio Ambiente – PRODEMA – UFPE, Brasil.

Histórico do Artigo: Submetido no VI Encontro de Desenvolvimento e Meio Ambiente, sendo aceito e indicado para publicação

RESUMO

O presente trabalho traz ao debate vivências ocorridas em comunidades campesinas situadas no sertão do estado de Sergipe, nordeste brasileiro. Esta pesquisa surge como produto final de aulas de campo, tidas como elementares a formação do geógrafo e do professor de Geografia, realizadas nos municípios de Canindé de São Francisco, Poço Redondo e Porto da Folha entre dos dias 14 e 17 de junho de 2016. A partir da questão indutora: Como vive o povo campesino das comunidades do alto sertão sergipano? E possuindo como objetivo geral: Conhecer as principais atividades e experiências do povo campesino no alto sertão sergipano. O acesso a esses dados foi possível a partir da inserção na realidade campesina e das vivências obtidas com esse povo, no decorrer de suas atividades diárias. Assim, pudemos atrelar os estudos teóricos produzidos sobre esse povo, e seus costumes, com a realidade vivenciada durante o período em que realizamos as atividades. Como também as questões relacionadas ao trabalho e forma da estrutura campesina.

Palavras-Chaves: Povo campesino. Estudos. Geografia Agrária.

The peasant people: experiences in hinterland high of Sergipe (Brazil)

ABSTRACT

The present work brings to the debate experiences that occurred in peasant communities located in the hinterland of the state of Sergipe, northeastern Brazil. This research emerges as a final product of field lessons, considered as elementary the formation of the geographer and the professor of Geography, held in the municipalities of Canindé de São Francisco, Poço Redondo and Porto da Folha from June 14 to 17, 2016. From the driving question: How do the peasant people live in the communities of the high Sergipe? And having as general objective: To know the main activities and experiences of the campesino people in the high Sergipe. This, we were able to link the theoretical studies produced on this people, and their customs, with the reality experienced during the period in which we carry out the activities. As well as the issues related to the work and shape of the peasant structure.

Keywords: Communities. Hinterland. Geography

1. Introdução

Desde o tempo dos senhores feudais, o campo vem sendo depreciado pela burguesia que se formava nos grandes centros comerciais, seja das grandes cortes imperiais ou até as mais simples colônias dos grandes países europeus, principalmente na América Latina. Mais precisamente aqui no Brasil, se luta até os dias atuais para que uma reforma agrária seja feita de maneira satisfatória para o povo camponês. Entretanto a luta pelo direito da terra se agrava com o passar dos anos. Nesse cenário de conflitos, entre os que detêm o poder da terra legislativamente e quem detêm o poder da terra por questões de identidade, seja de família, trabalho ou de maneira afetuosa configura-se num impasse que impede o desenvolvimento do trabalho agrário.

Diante desses e outros conhecimentos advindos de estudos teóricos e bibliográficos sobre a luta do camponês frente à dura repressão, a não reforma agrária que demora acontecer no Brasil, tivemos a oportunidade de atrelar tal conhecimento teórico a um trabalho de campo, o qual teve dentre outros objetivos situar-nos na realidade do povo camponês.

Assim, esta pesquisa tem como principal objetivo: conhecer as principais atividades e experiências do povo camponês no alto sertão sergipano. No debate sobre o trabalho de campo, destacamos Kaiser (2006) e Lacoste (2006) como dois autores essenciais para iniciar as considerações sobre o tema. Kaiser destaca a necessidade de se realizar um Trabalho de Campo em uma perspectiva “globalizante”, ou seja, a busca do complexo e global na realidade que se estuda. Este é o verdadeiro “[...] levantamento do terreno” e “[...] se deseja atingir o cerne da realidade para coletar elementos necessários à análise e a explicação, ele deverá penetrar nas forças e nas relações de produção, explorar os níveis ideológicos, políticos e culturais da dinâmica social.” (KAISER, 2006, p. 96). O autor aponta que o campo é um meio e não fim; o objetivo deve ser a análise da “situação social”. As finalidades do Trabalho de Campo devem ser amplas, articulando os resultados obtidos à análise global da sociedade sendo, portanto, um estudo dos processos, muito diferente de simples descrições.

Lacoste (2006), também sinaliza o sentido do Trabalho de Campo para os geógrafos. Vai além porque sugere que os problemas relativos às pesquisas afetam a todos da sociedade, uma vez que parte do princípio que o pesquisador tem por obrigação comunicar os resultados de suas pesquisas às comunidades abordadas. O autor afirma que este saber, oriundo das pesquisas, confere poder às populações e ao cientista que pesquisou aqueles territórios. Acrescenta que os pesquisadores devem admitir que o saber é um instrumento de poder (para uma minoria) e que, diante disso, deve-se mudar a postura frente aos pesquisados e aos territórios. A relação entre os sujeitos da pesquisa vai além da simples gratidão. Em outras palavras, o pesquisador deve almejar mudanças na sociedade. Essa relação não deve ser baseada no abstrato, mas na admissão que do concreto é que se extrai o abstrato (sem o comprometimento do rigor científico e sem cair no empirismo puro, graças à articulação da formação teórica do pesquisador). Esse autor (2006), também cobra do geógrafo a sua responsabilidade frente às populações que pesquisa. Critica as abordagens de pesquisas de campo apenas descritivas, que velam os conflitos e problemas pelos quais as populações passam:

[...] é, no fundo, bastante normal que esta nova tomada de posição sobre o problema de responsabilidade do pesquisador provoque [...] certa perturbação. Se é bastante fácil quando se está na esquerda de admitir no nível do corpo social inteiro que todo saber é instrumento de poder para uma minoria dirigente e se é bom aspirar por uma mudança radical da sociedade para que isso mude, é mais delicado ao pesquisador questionar sua própria prática. (LACOSTE, 2006, p. 83)

Em artigo publicado no ano de 2006, Pontuschka conceitua o Estudo do Meio como método de ensino e pesquisa, que tem como pressuposto a interdisciplinaridade, não prescindindo de nenhuma das disciplinas do currículo, mas que não as deixa compartimentadas e estanques. O Estudo do Meio como pesquisa na escola, procura na realidade conteúdos que subsidiarão temas geradores e temáticos de projetos. Como ensino-aprendizagem, proporciona que o docente e discente, em interação, busquem conhecer o objeto de estudo, através da observação, variedade de registros, relação entre estes e divulgação dos resultados. A autora faz uma importante discussão sobre Estudo do Meio e Trabalho de Campo. Este é apenas um momento do Estudo

do Meio: é a saída a campo, a pesquisa empírica de coleta de dados na realidade. Já o Estudo do Meio é amplo, pois envolve não apenas o Trabalho de Campo (a saída), mas todo um planejamento, trabalho coletivo, estudos anteriores e pós-campo, envolvendo a devolutiva à comunidade estudada. Pontuschka (Idem), entende que o Estudo do Meio também é parte do currículo, admite que seja um processo de criação, este último sendo requisito a todas as etapas do Estudo do Meio. Após a realização do Trabalho de Campo – previamente planejado e elaborado em conjunto alunos-professores – é que o processo de sistematização do material colhido se dará. A pesquisadora escreve que é preciso ir a Campo observando dois movimentos: negação da alienação (rotina, sistema, preconceito) afirmação do afeto (da comunidade, da personalidade, etc.).

O meio rural que vem sendo negligenciado pelos gestores públicos, a décadas, e na contemporaneidade relaciona-se com o meio urbano de modo diverso do que ocorria no passado não distante: ele vem assumindo novas configurações e importâncias, podendo ser observado como parte da solução para diversos problemas que afligem o meio urbano. Dentre alguns problemas urbanos que poderiam ser solucionados com o desenvolvimento de políticas públicas voltadas para o meio campestre, podemos citar os da falta de moradia, trabalho, saneamento, infraestrutura, serviços públicos básicos de saúde, educação e transporte, tanto em quantidade como em qualidade suficientes para atender a demanda desta população.

A manutenção da população rural é extremamente importante para a solução destes e de outros problemas da sociedade como um todo, no entanto, para que haja a fixação dessa população nas áreas rurais é necessário criar mecanismos que solucionem questões como as de falta de moradia. Para Graziano da Silva (1999) para o Brasil, uma política de desenvolvimento rural tem que ter como eixo central a eliminação da pobreza. E a redução da pobreza, para o autor, passa pelas prioridades de políticas públicas para o Brasil atual, sendo essenciais seu incentivo e implementação: investimentos em infraestrutura, programas de garantia de renda e, principalmente, incentivos à moradia rural.

Dentro do contexto neoliberal o campo passa a ser interpretado a partir da eficiência e produtividade. As contradições são postas de lado, a tecnologia reaparece no discurso de avanço e o agronegócio como meio de superação dos problemas. As inovações tecnológicas se expandem e se conformam no campo do Brasil abrangendo todo o processo produtivo.

Além disso, as pequenas unidades ainda produzem a grande maioria dos produtos do campo e também geram mais renda no campo. A realidade do campo neste século é resumida por Oliveira (2003) da seguinte forma: Em pleno início do século XXI, os movimentos sociais continuam sua luta pela conquista da Reforma Agrária no Brasil. As elites concentradoras de terra respondem com a barbárie. Assim, o país vai prosseguindo no registro das estatísticas crescentes sobre os conflitos e a violência no campo. A luta sem trégua e sem fronteiras que travam os camponeses e trabalhadores do campo por um pedaço de chão e contra as múltiplas formas de exploração de seu trabalho amplia-se por todo canto e lugar, multiplica-se como uma guerrilha civil sem reconhecimento. Essa é a realidade mais cruel, é a face da barbárie que a modernização gera no Brasil (OLIVEIRA 2003). O agronegócio representa os interesses exclusivos de classes nacionais e estrangeiras, expresso pelas grandes empresas capitalistas vinculadas aos grandes conglomerados de indústrias químicas e de alimentos, capital bancário e financeiro, e aos latifundiários e grileiros, sob a esteira dos ajustes do Banco Mundial, Fundo Monetário Internacional e Organização Mundial do Comércio.

Sendo assim, Thomaz Júnior (2004), apresenta os propósitos do capital em nível internacional são: 1) Sufocar a resistência dos camponeses, das comunidades nativas, indígenas, pescadores, atingidos por barragens operários urbanos e rurais desempregados, subempregados, para implementar a expropriação e a sujeição dos camponeses, sendo que recriá-los subordina-os com mais intensidade; 2) Blindar qualquer forma de acesso à terra que não seja via mercado; 3) Deteriorar e precarizar as condições de trabalho; 4) Intensificar as jornadas de trabalho; 5) Ampliar os horizontes da adoção de mão de obra infantil; 6) Desempregar assalariados; 7) Fragilizar relações de trabalho formais; 8) Intensificar as práticas de terceirização das cooperativas de trabalho;

9) Rebaixar salários, dentre outros. É dessa maneira que caminha a reestruturação produtiva do campo no Brasil, pela alta inserção tecnológica que concentra o poder nas grandes corporações financeiras, grandes indústrias, laboratórios de adubos e fertilizantes herbicidas e desvalorização do trabalho. A leitura do campo deve ser feita pela inserção do camponês no contexto do sociometabolismo do capital, este cria o trabalho assalariado como forma básica de produção social, mas no campo expropria e assalaria os territórios que convém, quando não, permite que os camponeses permaneçam em suas terras subsumindo sua produção ao capital.

Nesse sentido, torna-se relevante construir e disseminar informações concretas e coerentes da realidade existente na luta e resistência do campo, o que diverge do propagado, em muitos casos na atualidade.

2. Material e Métodos

A presente pesquisa refere-se a relatos de experiências advindos de uma atividade de campo realizada no período de 14 a 17 de junho de 2016, nos municípios de Poço Redondo, Bom Sucesso e Canindé de São Francisco, situados no alto sertão* do estado de Sergipe. Com isso, este estudo baseia-se nos preceitos de uma pesquisa de abordagem qualitativa, que segundo Minayo (2016) esse tipo de pesquisa procura desvelar processos sociais que ainda são pouco conhecidos e que pertencem a grupos particulares, sendo seu objetivo proporcionar a construção/revisão de abordagens, conceitos e categorias referentes ao fenômeno estudado. Segundo a autora, a pesquisa qualitativa privilegia aspectos da subjetividade humana (significados, motivações, valores, crenças, opiniões, dentre outros elementos subjetivos) tais aspectos não podem ser quantificados, pois pressupõem a interação entre sujeito e objeto em processo dialético. A investigação qualitativa possibilita compreender os sentidos revelados e implícitos nos discursos dos sujeitos pesquisados.

No primeiro momento da pesquisa, realizamos um estudo teórico sobre temas relacionados à dinâmica do trabalho e vida no campo, realizando analogias com o campesinato dos tempos feudais, desde os primeiros séculos, passando pelo fortalecimento do feudo, até as lutas pela reforma agrária e as consequências tanto para o campo quanto para a cidade depois da revolução industrial e das primeiras e segundas guerras mundiais, que contribuíram para a configuração espaço temporais do mundo atual. Esse estudo se deu, predominantemente, a partir de produções como a de Oliveira (2003).

Através do uso da observação participante obtivemos os dados que dão força a essa pesquisa. Conforme Ludke e André (1986) a observação possibilita o estabelecimento de relações e a apreensão dos significados compartilhados por determinado grupo de forma direta. É flexível e segue um percurso menos normativo, possibilitando ao pesquisador registrar, narrar e situar os momentos relevantes no campo empírico.

3. Resultados e Discussão

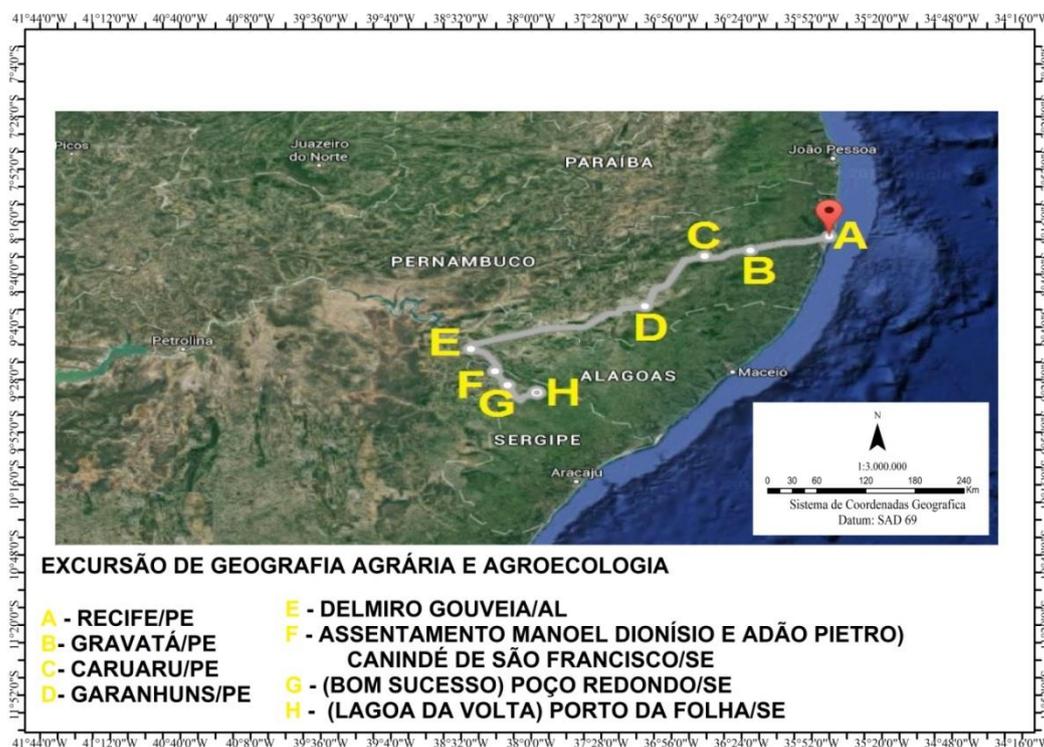
Um dos intuitos da aula de campo foi centrado em ver na prática algumas atividades que viabilizavam, nos dias atuais, a luta no campo, tanto pela perspectiva dos habitantes mais velhos da comunidade, quanto dos mais novos, sendo, nessa oportunidade, representados por um coletivo constituído a partir de uma parceria de pequenos agricultores. Em segundo plano, porém não menos importante, o processo de assentamento dos

*Entendemos como alto sertão sergipano, os municípios de Canindé de São Francisco, Feira Nova, Gararu, Gracho Cardoso, Itabi, Monte Alegre de Sergipe, Nossa Senhora da Glória, Poço Redondo e Porto da Folha, componentes da microrregião sergipana do Sertão de São Francisco.

integrantes do Movimento Sem Terra (MST), como também a comercialização da produção local, que variavam desde alimentos à *souvenirs*.

A atividade de campo, da qual resulta esta pesquisa, foi distribuída no decorrer de cinco dias com atividades distintas e em turnos distintos, manhã, tarde e à noite, quando realizávamos reuniões a fim de partilharmos nossas percepções e experiências acerca das atividades realizadas. Visitamos quatro localidades, as quais suas respectivas localizações podem ser mais bem visualizadas na figura 1, a seguir:

Figura 1: Percurso da atividade.



Fonte: Google Earth. Marcações: Autores, 2018.

3.1 Visita a Casa da Juventude

No dia 13 de junho, contando com presença do seu coletivo e dos representantes do Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA). O coletivo pela juventude campestre, formadores da referida casa, possuem o projeto de sua sede, entretanto ainda não foi construída. O grupo participa assiduamente dos trabalhos que envolvem o MPA e uma de suas pautas é permanecer na luta contra o sistema capitalista, que há muito tempo vem sendo opressora da classe agricultora, seja ela de pequena ou grande escala.

O MPA organiza a luta da seguinte forma: Crianças → Jovens → Adultos. O movimento também tem suas ações que visam atrair a comunidade para seu intento; utilizando de teatros e oficinas, sendo essas realizadas no Teatro Raízes Nordestinas, sendo o único teatro da região do sertão sergipano, segundo um dos líderes do movimento.

3.2 Visita a Vila dos Pescadores e Agricultores em Poço Redondo - SE

Em 14 de junho tomamos conhecimento de que essa vila se configurou hoje no que foi anteriormente uma região de grandes engenhos, desde a época escravocrata no Brasil. Localizada no distrito que atende pelo nome de Bonsucesso, pertencente ao município de Poço Redondo, localizado do sertão do estado de Sergipe. Nesse momento, foi elaborada uma palestra de conscientização pelo cuidado da terra e nos foi informado que, no momento, uma empresa privada, vinda da Ásia, de nome não explicitado, o estaria sondando a região para instalação de uma grande empreitada, como mostra a figura abaixo:

Figura 2: Palestra de Conscientização.



Fonte: Autores, 2016.

3.3 Visita a Associação Resgatando sua História

Situada no município de Lagoa da Volta – SE foi o terceiro local de visita da aula de campo na data de 15/06, seu ponto chave foi a possibilidade de se ver em prática e através de relatos uma quebra de paradigma muito expressivo e rico, arraigado pelo patriarcado, que é rompimento com a imagem da mulher como dona de casa, fadado aos comandos do “pai da família”. O que se viu foi uma luta, em conjunto, de todas as mulheres que compunham tal cooperativa, pelo lugar dessa mulher aonde ela quiser que no caso, no trabalho, cuidando de si mesma, da família. Produzindo e comercializando seus próprios produtos

Um dos objetos de estudo que podemos comprovar nessa associação, foi à sobrevivência e o trabalho em conjunto de forma estruturada que, segundo OLIVEIRA (2007), o trabalho do camponês se divide em dois aspectos, um lado visa à produção agrícola que vai para o consumo direto, do trabalhador em questão, sua subsistência e a outra parte para o livre comércio, em forma de mercadoria. Podemos constatar que, nessa situação está bem claro o fato de que além do trabalho camponês, este também ligado diretamente o sistema capitalista de produção, entretanto quem administra esse processo são os próprios produtores, ou melhor, as próprias mulheres que trabalham na associação, como ilustra a figura seguinte:

Figura 3 - Fachada: Associação de Mulheres “Resgatando sua História”.



Fonte: Autores, 2016.

3.4 Visita a Associação de Moradores – Lagoa da Volta (SE)

Situada no município de Porto da Folha, município do alto sertão do estado do Sergipe. Ainda no dia 15 de junho, pudemos observar, nessa localidade, a atuação de seu presidente, que na época, estava há um ano ocupando esse cargo. O mesmo informou que, a pouco, havia sido finalizado um curso para a formação de garçons e se iniciou um curso, com a mesma proporção, de confeitaria; ambos ofertados pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC). Nesse encontro também tomamos conhecimento de que os alimentos utilizados no curso eram advindos de Aracaju, tendo em vista que o governo estadual não havia permitido a compra dos alimentos produzidos na comunidade.

A referida associação, conta com cento e dez associados e não conta com auxílios do governo. Para utilizarem das dependências da associação, é necessário o pagamento de algumas taxas, aos que não possuem vínculo com a associação, R\$ 300,00 (trezentos reais), aos componentes dela, a taxa é de R\$ 150,00 (cento e cinquenta reais). A associação possui alguns maquinários que ficam à disposição dos agricultores associados.

Para suprir a demanda de mercado e poder competir com os produtos que vem de fora, associação precisou-se de determinada modernização, e conseqüentemente a qualificação da mão de obra; pois o trabalho braçal já não era suficiente. Esse tipo de mudança se configurou como forma de se adequar as demandas tecnológicas de hoje, com objetivo de obter mais resultados e lucros. Segundo Kautsky (1986), a máquina não

vai ocupar o lugar do homem apenas, mas produzir resultados iguais que o mesmo não é capaz de produzir, ou pelo menos ele não fará apenas com sua força braçal, chegando a qualidade em que uma máquina fará. O maquinário chega a resultados maiores por sua eficácia no desenvolver do trabalho.

A fundação de aproximadamente 30 anos. Lagoa da Volta é o maior povoado do Estado de Sergipe. Na associação encontra-se em estagnação uma fábrica de cuscuz fabricado pelo milho plantado e colhido no povoado. As máquinas de produção foram dadas pelo governo. Em um tempo de duas horas, são produzidos 22 sacos de cuscuz. O maquinário e o processo existem a mais de 20 anos. Quem faz o trabalho de fiscalização e autoriza a venda do produto é somente a secretária municipal de Porto da Folha.

Ao longo de todo o trabalho de campo foram realizados momentos ante as experiências vividas, de reflexão e estudos, baseando-se em autores voltados aos estudos agrários que embasou teoricamente como suporte para compreensão de toda a realidade presenciada durante todo o período vigente o qual a turma se esteve presente nos locais visitados.

3.5 Visita ao Assentamento do Movimento Sem Terra (MST)

Assentamento do Movimento Sem Terra (MST): Configurou como o quarto momento da aula de campo, onde podemos tomar conhecimento de como ocorreu todo o processo, desde a ocupação da terra, até a construção de suas residências, passando pelo trabalho de cada um com o apoio do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) e da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA).

A localidade batizada de Manoel Dionísio situa-se geograficamente em Canindé de São Francisco, Sergipe. Os componentes da turma foram recebidos por duas moças, uma delas é Poetisa e graduada em pedagogia, a mesma é militante do MST e ajuda com incentivo à cultura na região.

Diante das experiências adquiridas, podemos observar que o MST luta e toda sua estruturação enquanto movimento se configura da seguinte maneira: Primeiro o grupo estuda determinada fazenda ou hectare que julga estarem em desuso pelo proprietário e logo após essa etapa, eles a ocupam se assim julgarem pertinente. Assim organizam seus acampamentos e passam anos para de fato conseguir a posse, se assim o INCRA julgar.

A proprietária da casa, a qual a turma foi acolhida durante a visita, faz parte com as demais assentadas do local, do grupo “Mulher Ativa do Sertão”. Grupo esse composto por sete mulheres e ativo, na época do estudo, há dois anos. O produto feito por elas são bolo e salgado, o trabalho é feito em conjunto e de maneira autônoma.

Cento e dezessete famílias configuram o assentamento e lá estão desde 2008. De início faziam parte do coletivo 13 mulheres, hoje como dito acima só restam sete. A venda do produto é realizada na feira “Pela reforma agrária” realizada no município de Canindé de São Francisco. Como ilustram as figuras a seguir:

Figura 4 - Produtos sendo vendidos na feira pela “Reforma Agrária”.



Fonte: Autores, 2016.

Figura 5 - Feira pela Reforma Agrária



Fonte: Autores, 2016.

Esse trabalho de parceria já é visto desde muito tempo no campo dos estudos agrários, como explicita Oliveira (2007):

“A parceria – é outro elemento de produção camponesa decorrente da ausência de condições financeiras do camponês para assalariar trabalhadores em sua propriedade; assim o camponês, ao contratar um parceiro, divide com ele custos e ganhos; é comum essa relação de trabalho aparecer articulada na produção capitalista como estratégia” (OLIVEIRA, 2007, p. 69).

Diante das experiências adquiridas, podemos observar que o MST luta e toda sua estruturação enquanto movimento se configura da seguinte maneira: Primeiro o grupo estuda determinada fazenda ou hectare que julga estarem em desuso pelo proprietário e logo após essa etapa, eles a ocupam se assim julgarem pertinente. Assim organizam seus acampamentos e passam anos para de fato conseguir a posse, se assim o INCRA julgar.

Tal objetivo só foi possível de ser alcançado com a partir da realização de aulas de campo, na disciplina de Geografia Agrária, promovida pela Universidade Federal de Pernambuco em conjunto com o professor responsável pela disciplina. Nesse sentido, para situar nosso trabalho, foi então necessário um debate acerca da importância das aulas de campo, na formação do profissional da Geografia, e das questões camponesas.

Um dos pontos de concordância posto em questão, durante os momentos de atividade, atrela-se a relação que os estudos agrários, feito por especialistas, tem com a atual realidade brasileira. Ressaltando que os estudos foram realizados maioritariamente em países europeus, e isso claramente nos leva a observar os estudos que se referem a realidade brasileira, onde um dos principais pilares estruturantes da organização dos pequenos agricultores no campo é a coletividade, o pensar e agir em grupo.

Este pode ser um debate não muito comum, tendo em vista que, potencialmente, esteja entrando em desuso tão questionamento. O que, nesse contexto, se configura como certo é o fato da presença do sistema capitalista está incorporado nas atividades do campo de maneira bastante expressiva, a exemplo das associações que além de produzirem o seu próprio sustento, produzem de maneira comercial, isso faz com que não só aumente ou equalize a renda, como movimento o capital em sua comunidade e arredores.

Nesse sentido, foi-se levado em questão a forma que se configuraria uma exploração deste trabalho, devido as demandas de mercado e competição com locais de grande expressividade comparados as pequenas associações, Oliveira (2007) deixa claro que apropriação formal é o momento que o trabalhador ainda controla o processo de trabalho e quanto ao aumento de exploração só é possível pelo aumento das jornadas de trabalho, e que essa jornada no final esteja divergente ao que ele receberá como seu salário.

4. Conclusão

Diante de todo o exposto e das vivências realizadas, destacamos dois aspectos de grande relevância, a saber: todo o trabalho realizado na aula de campo, tida como uma forma de contextualizar na prática o suporte teórico que as salas de aula da academia proporcionam e fazer uso, de forma pedagógica, desse momento que não se resume apenas ao ensino, mas também é de pesquisa e extensão.

Outro ponto de grande relevância são as experiências e vivências das pessoas do campo, as quais, por muitas vezes, são consideradas irrelevantes pelos habitantes da “cidade grande”, a tão famigerada capital, e com isso, acaba-se por negligenciar essas pessoas; o que, muitas vezes, advém da falta de conhecimento, ou crença em achar que há um retrocesso nas vidas camponesas e que a civilização se dá única e exclusivamente nos centros urbanos.

Pensamento esse extremamente errôneo tendo em vista que o campo tem sua enorme importância no que se refere às questões econômicas, agricultura, pecuária e extrativismo, principalmente as de caráter familiar

e, além disso, mostra-se cada vez mais como uma opção de fuga para a saturação e caos, que vem tomando conta dos grandes centros urbanos.

Nesse sentido, o capital advindo do campo teve, e tem seus momentos de grande exploração e importância, mas, diante das vivências realizadas em nosso campo, esse pontual, ficou nítido que a partir do momento que o trabalhador vive da sua subsistência, sabendo administrar seu produtor para consumo e venda, já não há mais uma exploração de trabalho e sim uma autonomia naquilo que lhe pertence, seja sua terra ou seu produto.

5. Agradecimentos

A todos os pequenos produtores do alto Sertão sergipano os quais nos receberam e abriram, literalmente, as portas de suas casas e de seus trabalhos para partilhar conosco um pouco de sua vivência. Também ao professor responsável pela disciplina de Geografia Agrária, ofertada pelo Departamento de Ciências Geográficas da Universidade Federal de Pernambuco, Prof^o Dr^o Cláudio Ubiratan e a referida universidade, por terem nos proporcionado tais experiências construtivas.

6. Referências

CARVALHO, H. M. de; CHAYANOV, Alexander. (orgs.) **Chayanov e o Campesinato**. 1. ed. São Paulo: Expresso Popular, 2014.

GRAZIANO DA SILVA, J.. **O Novo Rural Brasileiro**. 2. ed. Campinas: UNICAMP, 1999.

KAUTSKY, K. 1854-1938. **A Questão Agrária**. Tradução de Otto Ercih Walter Maas. São Paulo: Nova Cultural, 1986.

KAISER, B. O Geógrafo e a Pesquisa de Campo. Original de 1977. Republicado em TRABALHO DE CAMPO –**Boletim Paulista de Geografia** n. 84. São Paulo: AGB –Associação dos Geógrafos Brasileiros. Irregular. 2006. ISSN 0006-6079.

LACOSTE, Y. A Pesquisa e o trabalho de campo: um problema político para os pesquisadores, estudantes e cidadãos. Original de 1977. Republicado em TRABALHO DE CAMPO –**Boletim Paulista de Geografia** nu. 84. São Paulo: AGB –Associação dos Geógrafos Brasileiros. Irregular. 2006. ISSN 0006-6079.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Damasio Afonso de. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 26. ed. Petrópolis: Vozes, 2016.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. Estudo do meio e ação pedagógica. In: **XIV Encontro Nacional de Geógrafos**. Acre. 2006.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. Geografia Agrária: perspectivas no início do século XXI. In _____: OLIVEIRA, Ariovaldo. U. e MARQUEZ, Marta. I. M. (Orgs). **O Campo no Século XXI Território de**

Vida, de Luta e de Construção da Justiça Social.. São Paulo: Editora Casa Amarela e Paz e Terra, 2003. p.71-85

OLIVEIRA, Arioaldo Umbelino. **Modo de Produção Capitalista, Agricultura e Reforma Agrária.** São Paulo: Labur Edições, 2007,

TAVARES, José Vicente dos Santos. **Colonos do vinho.** São Paulo, Hucitec, 1979.

THOMAZ JÚNIOR, Antonio. Reestruturação Produtiva do Capital no Campo, no Século XXI, e os desafios para o Trabalho. **Revista Pegada Eletrônica.** v.3, nº 1 e 2, Santiago de Compostela, outubro de 2004. Disponível em < http://www.cerai.es/fmra/archivo/thomaz_junior>.pdf. Acesso 08 de janeiro de 2018.